

# O KOJIKI E O UNIVERSO MITOLÓGICO JAPONÊS DA ANTIGÜIDADE

*Luís Fábio Marchesoni Rogado Mietto*

## *1. Introdução – O Processo Histórico de Formação da Obra Kojiki*

Os mais antigos registros históricos escritos no Japão que chegaram até nossos dias são o *Kojiki (Relatos de Fatos Antigos)*, compilado em 712, e o *Nihonshoki (Crônicas do Japão)*, datado de 720. O término da compilação de ambas as obras se deu na Era Nara (710-784), período em que se completa o processo de unificação política, de estratificação social e de consolidação da hegemonia da família imperial japonesa. Embora estas duas obras apresentem inúmeras similaridades a nível de conteúdo, com exceção do tomo inicial, que lida com a criação do arquipélago japonês e com as origens da família imperial, a estruturação da narrativa de ambas difere. Enquanto o *Nihonshoki* é escrito inteiramente em chinês, com uma estruturação basicamente analítica, nos moldes das narrativas históricas chinesas, e registrando todos os eventos com o dia, o mês e o ano em que estes ocorrem, o *Kojiki* segue uma estruturação própria, basicamente japonesa, trazendo informações genealógicas escritas em chinês para cada reinado, intercaladas com canções e narrativas anedóticas escritas em japonês num estilo conhecido como *man'yōgana*, além de conter notas explicativas do compilador acerca de passagens consideradas por este como de difícil compreensão, as quais, no presente trabalho, figuram num tamanho menor que o restante do texto. Os motivos desta diferenciação ainda não estão totalmente esclarecidos, mas provavelmente deveu-se aos objetivos da compilação das duas obras terem sido diversos – enquanto o *Kojiki* se destinava a unificar histórica e ideologicamente o Japão, o

*Nihonshoki* seria um registro histórico destinado a posicionar o Japão no panorama político continental.

O manuscrito mais antigo existente do *Kojiki*, objeto de estudo deste artigo, encontra-se no templo Shinpuku, tendo sido copiado entre 1371 e 1372 pelo monge Ken'yû. Deste a época de sua compilação até o século XVIII, todas as cópias existentes permaneceram sob a guarda e proteção das famílias Urabe e Watarai, estudiosas do xintoísmo. A quebra deste monopólio e o ressurgimento do interesse por parte dos intelectuais japoneses se deu no bojo do *Kokugaku* (*Estudos Nacionais*), devido principalmente a Motoori Norinaga (1730-1801). Ele foi discípulo de Kamono Mabuchi (1697-1769) e, quando eles se conheceram, Kamono Mabuchi terminara seu estudo sobre a coletânea de poemas do século VIII, o *Man'yôshû*, e começava a estudar o *Kojiki* mas, devido ao avançado de sua idade, pediu a Motoori que continuasse seu trabalho. Motoori demorou 34 anos (de 1764 a 1798) para completar seu *Kojikiden* (*Comentários sobre o Kojiki*). Este foi o primeiro estudo completo elaborado sobre o *Kojiki*, sendo de enorme importância para a análise e compreensão da obra. Como resultado de seu trabalho, Motoori acreditava que no *Kojiki* estariam contidos os mais genuínos registros da tradição oral japonesa antiga, enfatizando que as descrições de deuses e personagens da antiguidade japonesa nele constantes seriam verídicas. De uma forma geral, os estudos encetados pelo *Kokugaku* ajudaram a formar um novo conceito de nação, constituindo-se num dos pilares ideológicos do estado japonês do século XIX, com uma ênfase forte na figura do imperador e sendo que, tanto o *Kojiki*, quanto o *Nihonshoki*, foram continuamente estudados nas escolas japonesas até o término da Segunda Grande Guerra.

Um dos principais problemas hermenêuticos enfrentados pelos estudiosos do *Kojiki* é determinar quem compilou, por que motivos e como traçar um paralelo entre a análise dos fatos históricos nele narrados e as evidências arqueológicas e históricas existentes. Além disso, de acordo com Naoki Kojiro (1992:35), a própria classificação dos registros contidos na obra como mitológicos é questionável pois, embora a obra apresente narrativas relativas aos deuses, é provável que tais narrativas originariamente fossem construções intelectuais da época, compiladas com objetivos políticos claros, não se podendo afirmar com certeza a que ponto eram correntes entre a população da época. Mesmo assim, o próprio prefácio da obra é uma fonte riquíssima para a elucidação de diversos problemas relativos à sua compilação, permitindo estabelecer relações com as transformações sociais e políticas em curso neste período.

Por volta do século VI, o topo da hierarquia do poder já era prerrogativa do imperador, o chefe do clã imperial, enquanto os clãs restantes (*uji*) seriam como que extensões de seu próprio poder. O *status* destes grupos era definido por um sistema de títulos que lhes assegurava o privilégio de realizar determinadas funções dentro da corte. Embora não nos atenhamos à estrutura do sistema propriamente dito, é importante ter em mente que já em meados do século VI os possuidores das mais altas titulações tinham criado uma estrutura capaz de vistoriar as mudanças dinásticas. Neste período havia três poderosos e influentes clãs na corte de Yamato – os Mononobe, os Ôtomo e os Soga. Um,

dentre os vários direitos e privilégios destes clãs, era o de contribuir com esposas ao imperador e aos príncipes herdeiros. O direito inicialmente pertenceu aos Soga e posteriormente se estendeu aos Nakatomi e aos Mononobe. Neste período estes grupos chegavam a controlar a sucessão imperial mas, após o imperador Keitai (507-531), os imperadores foram ganhando voz na seleção para a sucessão.

Os Soga tinham um controle quase que completo da sucessão dinástica. Muitas de suas filhas foram mães de príncipes que acabaram subindo ao trono e permaneceram sob controle dos Soga, uma vez que a sociedade da época era do tipo matrilocal, ou seja, o marido, pelo casamento, era obrigado a seguir a mulher, passando a morar na localidade dela. Como isto não poderia ser aplicado ao imperador, a imperatriz retornava à casa de seus pais, onde dava à luz seus herdeiros. As crianças, então, eram criadas no seio da família da mãe, permanecendo ali até a idade de dez anos. Desta forma, os avós maternos tinham uma enorme influência sobre seus netos e, posteriormente, sobre o imperador, quando um dentre eles ascendia ao trono. Quando em 628, após a morte de Suiko (593-628), tornou-se necessário escolher um novo imperador, Soga no Emishi apoiou o príncipe Tamura (593-641), sobre outros candidatos mais lógicos. Tamura tornou-se o imperador Jomei (629-641). Entre seus filhos temos o príncipe Nakano Ôe (mais tarde Imperador Tenchi), Ôama (mais tarde imperador Tenmu) e Furuhiito no Ôe.

Jomei morreu em 641 e sua consorte ascendeu ao trono como imperatriz Kôgyoku, em 642. Com o trono em seu controle, Soga no Emishi e seu filho Soga no Iruka começaram a acumular certos privilégios que antes eram prerrogativas do imperador e eliminaram o príncipe Yamashiro no Ôe, um dos candidatos lógicos à sucessão imperial. Na corte começou a ocorrer um clima anti-Soga, comandado pelo príncipe Nakano Ôe e pelo príncipe Nakatomino Kamatari (posteriormente Fujiwara no Kamatari). A fim de impedir que estes clãs acumulassem poder junto à corte, eles assassinaram Soga no Iruka em 645 e alguns dias depois Emishi se suicidou. Nakano Ôe substituiu Kôgyoku pelo seu irmão mais jovem, que se tornou o imperador Kôtoku (645-654) e ele assumiu a posição de herdeiro legítimo, com um controle total sobre os negócios de Estado.

Em 646 Kôtoku e Nakano Ôe proclamaram o edito da Reforma de Taika, que na realidade cristalizou mudanças que já vinham ocorrendo, através da introdução de políticas e práticas procurando subordinar as terras e a mão-de-obra à autoridade imperial, diminuindo o poder dos clãs mais importantes na corte e criando um sistema econômico de suporte à nova estrutura política. Após a morte de Kôtoku, Kôgyoku reascende ao trono com o nome de imperatriz Saimei (655-661) e, após sua morte, sobe ao trono Nakano Ôe, como imperador Tenchi (662-671). Este imperador continuou as mudanças, proclamando uma nova e mais sistemática organização burocrática para o Estado, mas morre antes de ter sua política totalmente implantada. Após a sua morte, o trono deveria ser ocupado pelo príncipe Ôama, mas em vista da predileção do imperador por Ôtomo (um filho seu bastardo), este lhe abre caminho para a sucessão, provocando uma forte antipatia na corte e entre os *uji* que sempre valorizaram a linhagem, fazendo com que ficassem ao lado de Ôama. Pouco antes da morte do imperador, Ôama, por ra-

zões táticas, renuncia ao mundo e se torna monge, refugiando-se no Monte Yoshino. Ôtomo lhe sucede como imperador Kôbun (671-672) mas, no mesmo ano, irrompe a Revolta de Jinshin. Ôama vence, sendo coroado como imperador Tenmu (673-686). Vários autores vêem nesta situação a razão para que Tenmu ordenasse a reelaboração do *Teiki* e do *Honji*, dois dos documentos utilizados como fonte para a compilação do *Kojiki*, os quais, de acordo com o prefácio da obra, teriam sido memorizados por Hiedano Are, um personagem ainda bastante controverso entre os historiadores.

A imperatriz Jitô (687-696) sucede Tenmu e trabalha ativamente para a consecução dos trabalhos iniciados por seu marido. A organização estatal chinesa foi utilizada como modelo para todas as mudanças ocorridas. À medida que a imitação do modelo chinês tornava-se mais avançada, o governo passou a necessitar de uma capital maior para atender às novas exigências de uma organização burocrática, administrativa e política mais complexa. Assim, a capital e o palácio foram transferidos para Fujiwara em 694, num esforço claro para alcançar estabilidade política. Ela abdica em 696 em favor de seu neto Mommu (697-707), mas continua governando indiretamente até sua morte em 702. Durante esta época a sociedade japonesa sofreu um acelerado processo de estratificação social e política fortemente influenciado pela China, que dividiu definitivamente a população japonesa em dois estratos – uma classe superior, influenciada pelos costumes e idéias continentais e uma classe inferior, intocada pela nova civilização, com exceção de alguns tipos de magias obscuras e astrologia infiltradas da China.

O processo de centralização e sedimentação da organização estatal se completa com a transferência oficial da capital para Nara, em 710, abrindo o período conhecido como Era Nara. Porém, da perspectiva da história política, podemos dizer que este período começara antes, com a promulgação do código Taihō em 701. Sob este código as mudanças iniciadas em 645 com a Reforma de Taika foram completadas e o imperador foi firmemente estabelecido como chefe do chamado Estado Ritsuryō, nos moldes chineses. Tanto o *Kojiki* quanto o *Nihonshoki* foram compilados no bojo destas transformações. De acordo com o prefácio sabe-se ainda que em 711 a imperatriz Genmei (708-714) ordenou a Onoassomiyasumaro que registrasse o que fora ordenado pelo imperador Tenmu a Hiedano Are memorizar e, assim, em 712 ele apresenta a obra à corte japonesa. O motivo para a sua compilação repousa na necessidade da criação de um sistema definitivo e definido de títulos baseados em registros genealógicos corretos e, principalmente, aceitáveis pela corte imperial, objetivando a própria sustentação ideológica da camada dominante e dando forma legal a estas reformas.

## 2. Apresentação Parcial do Primeiro Tomo da Obra Kojiki

### 2.1. O surgimento dos deuses<sup>1</sup>

#### *Os cinco deuses*

Quando surgiram os céus e a terra, o nome da divindade estabelecida em Takamagahara<sup>2</sup> foi Amenominakanushi<sup>3</sup>, em seguida<sup>4</sup>, Takamimusubi<sup>5</sup> e, logo após, Kamimusubi<sup>6</sup>. Estes três deuses<sup>7</sup> eram inuptos<sup>8</sup> e jamais se revelaram, tornando-se uma divindade una.

Em seguida, as terras<sup>9</sup>, ainda impúberes<sup>10</sup>, assemelhavam-se à uma oleosidade flutuante e vagavam à maneira de uma água-viva. A divindade formada a partir do que se despontara tal qual um broto de junco<sup>11</sup>, foi Umashiashikabihikoji<sup>12</sup>. Em seguida surgiu Amenotokotachi<sup>13</sup>. Estes dois deuses também eram inuptos, tornando-se uma divindade única e, por fim, jamais se revelaram. Os cinco deuses acima citados têm destaques especiais dos demais deuses do céu<sup>14</sup>.

#### *As sete gerações de deuses*

Em seguida veio à existência a divindade Kuninotokotachi<sup>15</sup>. Em seguida a divindade Toyokumo<sup>16</sup>. Estes dois deuses<sup>17</sup> também eram inuptos e não se revelaram.

1. Trata-se de uma mitologia que narra a cosmologia da criação do universo. Após os três deuses criadores, destacam-se os deuses Umashiashikabihikoji e Amenotokotachi, procurando mostrar o suporte originário de todas as coisas do universo.
2. Lit., “alta campina celeste”. Não se trata do firmamento do mundo natural, mas sim do mundo celestial onde habitavam as divindades celestes.
3. Lit., “divindade suprema que do centro do céu preside o universo”. Trata-se de uma divindade conceituada como ponto de partida para as divindades posteriores.
4. No original *tsugini*, traduzido neste texto como “em seguida”, expressa uma ordenação genealógica e temporal.
5. Lit., “a suprema divindade da força criadora”
6. Lit., “a suprema divindade criadora”. Esta divindade surge numa posição superior nas mitologias da linha Izumo, em oposição à Takamimusubi, divindade superior nas mitologias da linha Takamagahara.
7. Os números três, cinco e sete são considerados números mágicos dentro da concepção chinesa.
8. No original, *hitorigami*. Trata-se de deuses individuais, em oposição aos deuses que surgem em pares homem/mulher mais adiante.
9. Ou *kuni*, originariamente significa terras limitadas onde habitam pessoas.
10. No original *wakaku*, lit., “jovens”, trata-se de uma alegoria para terras primárias ainda não completamente formadas.
11. No original *ashikabi*. Kabi tem o mesmo significado de *me* (broto) e *ashi* significa junco.
12. Lit., “o deus supremo dos brotos de junco”.
13. Lit., a “divindade de permanência eterna nos céus”.
14. Estas cinco divindades foram consideradas *kotoamatsukami* (divindades celestiais à parte). Com isto o autor pretende localizá-las como origem da genealogia das divindades celestes, separando-as das demais subseqüentes.
15. Lit., “divindade de permanência eterna na terra”.
16. Lit., “divindade dos campos abundantes de nuvens”.
17. Os deuses Kuninotokotachi e Toyokumo são as duas gerações iniciais das sete gerações de deuses, diferindo dos deuses subseqüentes por serem celibatários. Os deuses da sete gerações dos deuses distinguem-se das divindades celestes por surgirem na terra.

Em seguida, o nome da divindade que se forma é Uhijini<sup>18</sup> e, em seguida, Suhijini<sup>19</sup>. Em seguida, a divindade Tsunogu'i<sup>20</sup> e, em seguida, Ikugu'i<sup>21</sup>. Em seguida, a divindade Ôtonoji<sup>22</sup> e, em seguida, Ôtonobe<sup>23</sup>. Em seguida, a divindade Omodaru<sup>24</sup> e, em seguida, Ayakashikone<sup>25</sup>. Em seguida, Izanagi e, em seguida, Izanami<sup>26</sup>. Todos os deuses acima citados após Kuninotokotachi e antes de Izanami, juntos, são denominados de as sete gerações da era dos deuses<sup>27</sup>.

Os primeiros dois deuses inúbios [*hitorigami*] são cada um deles chamados de uma geração. Os deuses seguintes estão arranjados aos pares, sendo que cada um é chamado de uma geração.

## 2.2. *Izanagino Mikoto e Izanamino Mikoto* *O casamento divino em Onokoroshima*

Então, as divindades distintas do céu<sup>28</sup>, em uníssono, dizem aos deuses Izanagino Mikoto e Izanamino Mikoto<sup>29</sup>:

“*Solidificai e terminai as terras ainda flutuantes*”

Então [Izanagi e Izanami] receberam o bastão celeste cravejado de pedras preciosas<sup>30</sup> sendo, assim, incumbidos da missão. Em pé sobre a ponte flutuante celeste<sup>31</sup>, os dois deuses [Izanagi e Izanami] abaixaram o bastão cravejado de pedras, agitando-o na superfície da água em círculos. A água do oceano, murmurejante, misturou-se e, ao levantarem e retirarem

18. Lit., “a divindade da terra e do barro”, temos aqui uma divinização do barro surgido no interior do caos. A partir deste deus, todos os demais deuses da sete geração surgem em casais de homem e mulher.
19. *Su* significa areia e *hiji*, barro. Aparentemente uma deificação da areia ou do barro.
20. Lit., “o deus das cepas germinadas”.
21. Lit., “o deus das cepas vivas”
22. *Ô* significa grande, *to* pode ser entendido como porta ou com o mesmo significado de *to* em *totsugu* (casar-se) ou em *mitonomaguhai* (relação sexual), remetendo à genitália masculina e feminina a partir do significado de entrada; *no* é uma partícula indicativa de genitivo e *ji* é um título honorífico masculino. Divinização do processo de formação da genitália humana a partir do caos.
23. *Be* é um sufixo que indica ser do sexo feminino. Para o significado dos demais constituintes do nome, ver nota 22.
24. *Omo* significa superfície e *daru*, como em *taru*, significa ser suficiente. Divinização do estado de suficiência completa, onde se alcançou a plenitude.
25. *Aya* é uma interjeição de surpresa, *kashiko* significa respeito e admiração, *ne* é um sufixo usado no chamamento com familiaridade. Trata-se da divinização do sentimento de respeito com relação ao estado de criação simbolizado pela linhagem das divindades que sucedem Kuninotokotachi.
26. Tanto em Izanagi, quanto em Izanami, *iza* tem o mesmo significado que *izanau* (convidar, conduzir), *nu* é uma partícula que, como o *no*, também expressa o genitivo, *ki* é um sufixo que indica ser do sexo masculino e *mi* é um sufixo que indica ser do sexo feminino. Maruyama Shichirô afirma que os nomes destes deuses são etimologicamente oriundos do grupo lingüístico proto-malaio-polinésio *it'a-n-laki* e *it'a-n-lawi*, significando, respectivamente, o primeiro homem e a primeira mulher.
27. O mundo dos deuses também sucede-se por sete gerações, sendo que sete é um número mágico dentro da concepção chinesa. O equivalente japonês seria *yayo* (oito gerações), *yachiyo* (oito mil gerações, isto é, miríade de anos ou eternidade).
28. Refere-se aos cinco deuses anteriormente citados.
29. É interessante notar que o vocábulo *Mikoto*, que segue os nomes de algumas divindades, significa os que receberam as ordens dos deuses.
30. O. No original, *ameno nuboko*, onde *ameno* significa celeste, *nu* significa jóia, pedras preciosas e *boko* significa bastão, haste.
31. No original, *ameno ukibashi*, trata-se de uma ponte utilizada pelos seres divinos para transitarem entre os céus e a terra. Alguns comentaristas interpretaram-na como sendo um arco-íris ou um barco.

o bastão, de sua extremidade caíram gotas da água do mar que, ali se acumulando, formaram uma ilha. Esta ilha chamou-se Onokoroshima<sup>32</sup>.

Desceram então dos céus até esta ilha, nela erigiram um pilar celeste<sup>33</sup> e ergueram um magnífico e grandioso palácio<sup>34</sup>. Então [Izanagi] dirige-se à sua esposa Izanamino Mikoto, perguntando-lhe:

*“Meu corpo possui uma parte formada em excesso. Portanto, poderíamos preencher a parte incompleta de vosso corpo com a parte que meu corpo tem em excesso e assim gerarmos as terras. Poderíamos assim proceder?”*

Izanamino Mikoto responde:

*“Acho que assim deve estar bem.”*

Então Izanagino Mikoto disse:

*“Caminhe ao redor do pilar celeste e, assim, nos encontremos e nos unamos.”*

Tendo assim pactuado, Izanagino Mikoto disse:

*“Caminhai ao redor e uni-vos a mim, andando pelo lado direito<sup>35</sup>. Eu caminharei ao redor e unir-me-ei a vós, andando pelo lado esquerdo.”*

e, depois de concordarem também quanto a isso, começaram a andar e Izanamino Mikoto então disse primeiro:

*“Oh, que magnífico varão sois vós!”*

e, em seguida, Izanagino Mikoto disse:

*“Oh, que mulher soberba sois vós!”*

e, depois de terem proferido tais palavras [Izanagi] disse à sua esposa:

*“Não é bom a mulher falar primeiro”*

Entretanto, mesmo assim se conheceram como homem e mulher e geraram e deram à luz um filho imperfeito<sup>36</sup>. Eles colocaram esta criança numa canoa feita de juncos, deixando as águas a arrastarem. Em seguida geraram e deram à luz a ilha de Awa. Mas nunca consideraram-nos como seus filhos.

32. Lit., “ilha auto-solidificada.”

33. Existem várias interpretações entre os estudiosos japoneses para este trecho. De acordo com Matsumura, por exemplo, o pilar seria utilizado para atrair os espíritos divinos ou ancestrais. A procissão ao seu redor teria o propósito de abençoar a união dos dois, uma vez que os japoneses antigos acreditavam que a relação sexual era um rito sagrado, sendo portanto imprescindível a presença dos deuses ao realizá-la. Embora haja o simbolismo fálico e de fecundidade, esses têm significância apenas periférica, de acordo com o autor. Nishida, por sua vez, diz que, como os dois eram irmãos e a humanidade e o universo não poderiam nascer de um ato incestuoso, a procissão ao seu redor era um ritual para circunscrever este tabu.

34. No original, *yahirodono*, ou seja, o local onde se realizaria a união dos dois deuses. *Ya*, ou oito, é um número mágico que significa grande (no sentido de muito), indicando plenitude, *hiro* é uma unidade de medida equivalente à extensão dos braços abertos e *dono* significa palácio.

35. Alguns autores indicam que a movimentação do seus no sentido anti-horário é oriunda do pensamento chinês, procurando, assim, indicar a superioridade do sexo masculino sobre o feminino.

36. Embora a tradução usual de *hirugo* seja de criança defeituosa, este vocábulo também pode ser interpretado como uma contrapartida para *hirume*, significando, assim, a criança do sol. Embora se costuma ver neste trecho influência chinesa, pois coloca a mulher em posição inferior a do homem, uma vez que a criança nascera defeituosa em decorrência dela ter falado primeiro, de acordo com Tsuda este trecho é na realidade a descrição de um costume mágico de, quando o primogênito nascia, se colocar uma estatueta humana numa canoa de juncos e lançá-la ao mar como uma oferenda aos *kami*.

## O nascimento das terras

Então estes dois deuses se consultaram e disseram:

“As crianças geradas por nós não são boas. É melhor comunicarmos [o acontecido] às divindades celestes.”;

e, assim, os dois ascenderam imediatamente [aos céus] para conhecer a vontade dos deuses celestes. As divindades celestes, através de ritos divinatórios<sup>37</sup> concluíram:

“As crianças geradas por vós não eram boas, pois a mulher falara antes [do homem]. Retornai pois e, novamente, proferi as palavras.”

Eles então retornaram e voltaram a caminhar ao redor do pilar celeste como fizeram antes. Izanagino Mikoto então disse:

“Oh, que mulher soberba sois vós!”

e, só então Izanamino Mikoto disse:

“Oh, que magnífico varão sois vós!”

Após terem assim falado, uniram-se e a criança nascida desta união chamou-se ilha de Awajinohonosawake<sup>38</sup>. Em seguida nasceu a ilha de Iyonofutana<sup>39</sup>. Esta ilha tinha um só corpo e quatro faces. Cada face era conhecida por um nome diferente. Assim, a terra de Iyo era conhecida como Ehime, a terra de Sanuki era conhecida como Iiyorihiko, a terra de Awa era conhecida como Ôgetsuhime<sup>40</sup>, a terra de Tosa<sup>41</sup> era conhecida como Takeyoriwake. Em seguida geraram a ilha tripla de Oki, também conhecida como Amenooshikorowake. Em seguida geraram a ilha de Tsukushi<sup>42</sup>. Esta ilha também tinha um só corpo e quatro faces. Cada uma de suas faces era conhecida por um nome diferente. Assim, a terra de Tsukushi era conhecida como Shirahiwake, a terra de Toyo era conhecida como Toyohiwake, a terra de Hi era conhecida como Takehimukaitoyokujihinewake e a terra de Kumaso era conhecida como Takehiwake. Em seguida nasceu a ilha de Iki. Esta também era conhecida como Amehitotsubashira. Em seguida nasceu a ilha de Tsu. Esta também era conhecida como Amenosadeyorihome. Em seguida nasceu a ilha de Sado. Em seguida nasceu a ilha de Ôyamatotoyoakitsu<sup>43</sup>. Esta também era conhecida como Amatsumisoratoyoakitsunewake. E, por fim, estas oito ilhas, que nasceram primeiro, são conhecidas como Ôyashimaguni<sup>44</sup>.

37. De acordo com a descrição existente em outros trechos da obra, trata-se de um antigo método de adivinhação no qual se observavam os estalidos da queima do osso escapular de um cervo. Este sistema era praticado na antigüidade japonesa, tendo sido substituído pelo sistema de adivinhação em cascos de tartaruga, de origem chinesa. Existem evidências arqueológicas da prática da escapulomancia no período Yayoi. O capítulo intitulado “Wajinden” (“Costumes dos Habitantes de Wa”, onde Wa era a denominação chinesa para Japão), constante no livro de história chinês *Gishi* (*A História da Dinastia Wei*), do século III, traz o seguinte registro: “Quando começavam algo, eles liam a sorte através da queima de ossos. O adivinho então anunciava o resultado. A interpretação é como o método [chinês] de adivinhar o futuro através da queima do casco de uma tartaruga, lendo através de suas fendas”.

38. Lit., “ilha de Awa”, dos jovens arrozais.

39. Lit., “Iyo, a ilha com dupla denominação”, equivalente à atual Shikoku e considerada a mais importante politicamente.

40. Lit., “a grande deusa dos alimentos”.

41. Equivale à atual província de Kochi.

42. Equivale à atual ilha de Kyûshû.

43. Nome laudatório para a ilha de Honshû (lit., “a grande ilha de Yamato, dos outonos abundantes”).

44. Lit., “a grande terra das oito ilhas”. Trata-se de um epíteto poético para o Japão.

Depois de retornarem [a Onokoroshima], geraram a ilha de Kibinoko<sup>45</sup>. Esta também era conhecida como Takehikatawake. Em seguida geraram a ilha de Azuki. Esta também era conhecida como Ônodehime. Em seguida geraram a ilha de Ô. Esta também era conhecida como Ôtamaruwake. Em seguida geraram a ilha de Hime. Esta também era conhecida como Amehitotsune. Em seguida geraram a ilha de Chika. Esta também era conhecida como Amenooshio. Em seguida geraram a ilha de Futago. Esta também era conhecida como Amenofutaya.

Da ilha de Kibi até a ilha de Amenofutaya tem-se ao todo seis ilhas.

### *O nascimento dos deuses*

Após terminarem de gerar as ilhas, passaram a gerar os deuses. Assim, o nome da divindade por eles gerada foi Ôkotooshio<sup>46</sup>. E, em seguida geraram a divindade Iwatsuchibiko<sup>47</sup>; em seguida, a divindade Iwasuhime<sup>48</sup>; em seguida, a divindade Ôtohiwake<sup>49</sup>; em seguida, a divindade Amenofukio<sup>50</sup>; em seguida, a divindade Ôyabiko<sup>51</sup>; em seguida, a divindade Kazamotsuwakenooshio<sup>52</sup>. Em seguida, geraram a divindade dos mares, cujo nome era Ôwatatsumi<sup>53</sup>; em seguida, a divindade das baías, cujo nome era Hayaakitsuhiko<sup>54</sup> e, em seguida, a sua esposa Hayaakitsuhime<sup>55</sup>.

De Ôkotooshio até Hayaakitsuhime temos, no total, dez divindades.

Estes dois deuses, Hayaakitsuhiko e Hayaakitsuhime, governaram, respectivamente, os rios e os mares. Em seguida [Izanagi e Izanami] geraram a divindade Awanagi<sup>56</sup>. Em seguida, a divindade Awanami. Em seguida, a divindade Tsuranagi<sup>57</sup>. Em seguida, a divindade Tsuranami. Em seguida, a divindade Amenomikumari<sup>58</sup>. Em seguida, a divindade Kuninomikumari. Em seguida, a divindade Amenokuhizamochi<sup>59</sup>. Em seguida, a divindade Kuninokuhizamochi<sup>60</sup>.

Da divindade Awanagi até Kuninokuhizamochi temos, no total, oito divindades.

Em seguida geraram a divindade dos ventos, cujo nome era Shinatsuhiko<sup>61</sup>, em seguida, a divindade das árvores, Kukunochi<sup>62</sup>; em seguida, a divindade das monta-

45. Equivale à península de Kojima, da atual prefeitura de Okayama.

46. Lit., “a grande divindade empreendedora da criação das terras”.

47. Lit., “a divindade masculina da terra e das rochas”.

48. Lit., “a divindade feminina da terra e das rochas”.

49. Lit., “a divindade dos portais das casas”.

50. Lit., “a divindade que cobre os telhados”.

51. Lit., “a divindade dos grandes telhados”.

52. Lit., “a divindade masculina que protege as habitações e os navios dos ventos”.

53. Lit., “a divindade masculina que governa os mares”.

54. Lit., “a divindade masculina que traga as águas das baías com energia”.

55. Lit., “a divindade feminina que traga as águas das baías com energia”.

56. Este deus e próxima divindade são os deuses das ondas que se elevam nas águas.

57. Este deus e a próxima divindade são os deuses da superfície das águas.

58. Este deus e a próxima divindade são os que dividem, respectivamente, as águas dos céus e das terras.

59. Lit., “a divindade guardiã das águas utilizáveis do céu”.

60. Lit., “a divindade guardiã das águas utilizáveis da terra”.

61. Lit., “o deus que governa os ventos”.

62. Lit., “a divindade do espírito das árvores”.

nhas, Ôyamatsumi<sup>63</sup>; em seguida, a divindade dos campos, Kayanohime<sup>64</sup>, também conhecido como Nozuchi.

De Shinatsuhiko até Nozuchi temos, no total, quatro divindades.

Os dois deuses Ôyamatsumi e Nozuchi governaram, respectivamente, as montanhas e os campos. Em seguida [Izanami e Izanagi] geraram a divindade cujo nome era Amenosazuchi. Em seguida, a divindade Kuninosazuchi. Em seguida, a divindade Amenosagiri. Em seguida, a divindade Kuninosagiri. Em seguida, a divindade Amenokurado. Em seguida, a divindade Kuninokurado. Em seguida, a divindade Ôtomatohiko. Em seguida, a divindade Ôtomatohime.

De Amenosazuchi até Ôtomatohime temos, no total, oito divindades.

Em seguida [Izanami e Izanagi] geraram a divindade Torinowakusufune<sup>65</sup>, também conhecida como Amenotorifune<sup>66</sup>. Em seguida, geraram a divindade Ôgetsuhime<sup>67</sup>. Em seguida, a divindade Hinoyagihayao<sup>68</sup>, também conhecida como Hinokagabiko e também conhecida como Hinokagutsuchi. Porém, ao dar à luz a este filho, [Izanami] teve seus genitais queimados, caindo enferma. De seu vômito veio à existência a divindade Kanayamabiko<sup>69</sup> e, em seguida, a divindade Kanayamabime. Em seguida, de seus excrementos veio à existência a divindade Haniyasubiko<sup>70</sup>. Em seguida, a divindade Haniyasubime. Em seguida, de sua urina veio à existência a divindade Mitsuhanome<sup>71</sup>. Em seguida, a divindade Wakumusubi<sup>72</sup>. A filha desta divindade é chamada Toyoukebime<sup>73</sup>. Finalmente Izanamino Mikoto falece em virtude de ter dado a luz à divindade do fogo<sup>74</sup>.

De Amenotorifune até Toyoukebime temos, no total, oito divindades.

Ao todo, as ilhas geradas pelos dois deuses Izanagi e Izanami foram quatorze e os deuses gerados foram trinta e cinco.

63. Lit., “o deus que governa as montanhas”.

64. Lit., “a deusa que governa os prados”

65. Lit., “a divindade-pássaro-nau feita de cânfora dura como a rocha”. Deve-se notar que os arqueólogos encontraram inúmeras embarcações feitas em madeira de cânfora, datadas do período Yayoi e Kofun.

66. Lit., “a divindade-pássaro-nau”. Existem afrescos em alguns túmulos japoneses representando embarcações com enormes pássaros empoleirados sobre elas, simbolizando, provavelmente, o transporte da alma dos mortos para a vida após a morte.

67. Vide nota 40.

68. Lit., “o deus intrépido e veloz da força destruidora do fogo”. Hirata Atsune relaciona neste trecho o fogo *hi* com o vocábulo *chi*, significando sangue, em vista da coloração vermelha de ambos e pelo fato de na seqüência da narrativa o sangue do deus do fogo ser transformado em diversos deuses. Ele ainda comenta que esta passagem pode refletir o pós-parto ou a menstruação, uma vez que estes períodos eram considerados tabu e a mulher deveria ficar em reclusão. Algumas teorias ainda relacionam o mito do nascimento do deus do fogo com práticas agrícolas comuns no período de se queimar terrenos durante a primavera.

69. Este deus e a deusa seguinte são os deuses das montanhas de minérios.

70. Este deus e a deusa seguinte são tidos como as divindades da argila ou dos fertilizantes.

71. Esta deusa é a deusa que governa as águas para a irrigação dos campos.

72. Lit., “o jovem deus da força criadora”.

73. Lit., “a deusa dos alimentos abundantes”. Deve-se notar a seqüência de surgimento dos deuses acima: o deus do fogo, o deus dos minerais, o deus da terra, o deus da irrigação, o deus da força criadora (germinativa) e a deusa dos alimentos, refletindo, provavelmente, o cotidiano japonês da antigüidade e as crenças da época.

74. Motoori Norinaga, a partir da morte de Izanami, conclui que todos os deuses estavam sujeitos à morte e deveriam descer para a terra de Yomi.

Estes nasceram antes de Izanami ter falecido. A ilha de Onokoro, nascida espontaneamente, a criança defeituosa e a ilha de Awa não foram reconhecidos como seus filhos.

### *A morte de Izanamino Mikoto e a divindade Hinokagutsuchi*

Izanagino Mikoto então disse:

“Ah, minha bela e adorada esposa... Eu vos perdi por uma simples criança”

Então ao rastejar em volta de seu leito e ao redor de seus pés<sup>75</sup>, em prantos, de suas lágrimas veio à existência a divindade que habita as raízes das árvores no sopé do Monte Kagu, também chamada de Nakisawame<sup>76</sup>. Então [Izanagi] enterrou a divindade [Izanami] no monte Hiba<sup>77</sup> fronteira entre a terra de Izumo e Hahaki.

Desta feita, Izanagino Mikoto tirou a espada com dez *tsuka* de comprimento<sup>78</sup> que carregava na cintura e cortou a cabeça de seu filho Kagutsuchi. Imediatamente, o sangue aderido à ponta da espada saltou em direção às rochas, vindo à existência a divindade Iwasaku<sup>79</sup>. Em seguida, Nesaku<sup>80</sup>; em seguida, Iwatsutsunoo<sup>81</sup>.

Três deuses.

Do sangue aderido ao guarda-mão da espada, que pulara em direção às rochas, veio à existência a divindade Mikahayahi<sup>82</sup>. Em seguida, a divindade Hihayahi<sup>83</sup>. Em seguida, Takemikazuchinoo<sup>84</sup>. Este também é conhecido como Takefutsu e também conhecido como Toyofutsu.

Três deuses.

Em seguida, do sangue acumulado no cabo da espada, que escorrera por entre seus dedos, veio à existência a divindade Kuraokami<sup>85</sup>. Em seguida, a divindade Kuramitsuha<sup>86</sup>.

Os deuses acima citados, oito no total, de Iwasaku até Kuramitsuha, são as divindades nascidas pela espada.

75. Estas ações representam práticas funerárias do período. Alguns autores encontram neste trecho ecos do pensamento chinês, conforme pode-se verificar através da seguinte citação existente no capítulo 35 do *Raiki*, p. 866: “O filho fiel sofre com a perda de seus pais. Em seu peito trespassa uma dor infinda e chora e lamenta ao redor do corpo já sem vida. Em seu coração há apenas a vontade de vê-los da morte ressurgir”

76. O vocábulo *nakisawa* pode ser traduzido como “o pântano onde as águas murmurejam”, numa alusão clara às *nakime* (lit., “mulheres que choram”, isto é, carpideiras), refletindo o costume de se recorrer a carpideiras nos funerais.

77. No *Nihonshoki* encontramos o relato de que Izanami foi enterrada na vila de Arima em Kumano na terra de Ki (na atual prefeitura de Wakayama).

78. Um *tsuka* equivale a aproximadamente 10 cm.

79. Lit., “o deus que fende as rochas”. De acordo com Tsugita (1972:54) esta divindade, Nesaku e Iwatsutsunowo são as divindades que representam as rochas; Mikahayahi e Hihayahi representam a força do trovão, a origem do fogo, simbolizando a força do fogo que forja a espada; e Kuraokami e Kumamitsuha representam a água. Trata-se de personificações do processo de feitura de uma espada – fundindo o metal, batendo-o numa pedra e mergulhando-o na água. O sangue pulando em direção às rochas representaria as fagulhas que se desprendem quando a espada está sendo temperada.

80. Lit., “o deus que fende as raízes”

81. Lit., “o deus que tem o poder da espada”.

82. Lit., “o deus que possui a terrível força enérgica”

83. Lit., “o deus que possui a força enérgica do fogo”

84. Lit., “o deus intrépido e enérgico”

85. Lit., “o deus das águas dos vales”.

86. Lit., “o deus do espírito das águas”.

Da cabeça da divindade Kagutsuchi, que fora morto, nasceu a divindade Masakayamatsumi<sup>87</sup>. Em seguida, de seu peito nasceu Odoyamatsumi<sup>88</sup>. Em seguida, de seu ventre nasceu Okuyamatsumi<sup>89</sup>. Em seguida, de seus genitais nasceu Kurayamatsumi<sup>90</sup>. Em seguida, de sua mão esquerda nasceu Shigiyamatsumi<sup>91</sup>. Em seguida, de sua mão direita nasceu Hayamatsumi<sup>92</sup>. Em seguida, de sua perna esquerda nasceu Harayamatsumi<sup>93</sup>. Em seguida, de sua perna direita nasceu Toyamatsumi<sup>94</sup>.

De Masakayamatsumi até Toyamatsuminokami são, ao todo, dez divindades.

O nome da espada com a qual [Izanagino Mikoto] matara [a divindade do fogo] é Amenoohabari<sup>95</sup>, também conhecida como Itsunoohabari<sup>96</sup>.

### *Izanagino Mikoto visita a Terra de Yomi*

Então, desejoso de rever a sua esposa Izanamino Mikoto, seguiu-a até a terra de Yomi<sup>97</sup>. Quando [Izanami] veio-lhe ao encontro saindo através da porta de entrada da câmara<sup>98</sup>, Izanagino Mikoto disse:

*“Oh, minha adorada esposa, ainda não completamos a criação das terras. Deve retornar”*

Então Izanamino Mikoto respondeu-lhe:

*“Lamento por terdes vindo até tão longe. Mas já comi da terra de Yomi<sup>99</sup>. Mesmo assim meu amado esposo... como é terrível que tenhais vindo [até a terra de Yomi]!”*

87. O vocábulo *yamatsumi* (lit., “o espírito das montanhas”), compõe o nome do restante das divindades. O nome desta, em particular, pode ser traduzido como o “deus do espírito das montanhas e das colinas verdadeiras”

88. O significado de *odo* não é claro, podendo ter origem em *orido*, ou seja, “lugar onde se desce”

89. Lit., “o deus do espírito das montanhas internas”

90. *Kura* pode significar “escuridão” ou “vale”

91. *Shigi* significa “abundante”, “espesso”

92. *Pa* significa base, sopé.

93. *Hara* significa campo, plano.

94. *To* significa externo.

95. *Ameno* significa celeste e *ohahari* significa ter a lâmina afiadíssima.

96. *Itsuno* significa sagrado.

97. Motoori Norinaga (1978:274-275) define esta terra como a terra para a qual os homens se dirigem quando morrem “[...] os nobres, as pessoas comuns, os bons e os maus, todos vão para a terra de Yomi quando morrem.”

98. No original, *tono*, foi traduzido como câmara, devido a diversos autores acreditarem tratar-se de uma alusão à prática de funeriais em câmaras subterrâneas. Portanto, pode-se concluir que o cadáver de Izanami jazia em alguma câmara mortuária interna e o *tozashidô*, traduzido aqui como porta de entrada, pode ser interpretado como a passagem fechada por uma grande pedra na entrada de um *kofun* (isto é, seria o *sendô*) ou de uma câmara mortuária.

99. Motoori Norinaga (1972:278) explica esta passagem dizendo que a deusa provavelmente se alimentara de iguarias preparadas com o fogo impuro de Yomi, da seguinte maneira: “É impossível se descobrir o motivo para o fogo deste lugar ser considerado impuro, porém, não acreditar nisto é desacreditar nas palavras divinas e crer apenas em nossos próprios pensamentos. Hoje em dia costuma-se tomar cuidados extremos com o fogo dos ofícios divinos e dos locais onde as divindades estão presentes”. Deve-se notar que ainda hoje existem relatos de costumes populares considerando impuro o fogo de famílias em luto, conforme relata Matsumura (1971:425-39). Matsumura conclui que o significado desta passagem é que Izanami, ao comer da comida de Yomi, tornou-se uma pessoa daquela terra. A idéia de que se alimentar da comida dos mortos desqualifica a pessoa a poder retornar à sua terra natal ocorre também no mito grego de Perséfone, entre os Maoris, na China e entre os habitantes de Okinawa. No pensamento primitivo, comer ou beber junto carregava uma relação mágica e, desta forma, Matsumura conclui que este mito reflete a crença na força mágica coesiva inerente na alimentação em comum.

*Porém, como ansiais por meu regresso [ao mundo visível], peço-vos alguns momentos para consultar os deuses de Yomi*<sup>100</sup>. *Porém, não me observeis*<sup>101</sup> [enquanto os consulto].” e, dizendo assim, [Izanami] retornou à câmara mas sua ausência foi tão longa que [Izanagi] não conseguiu aguardar. Ele então tirou e quebrou um dos grandes dentes do pente que enfeitava o cacho esquerdo de seu cabelo<sup>102</sup>, ateou-lhe fogo<sup>103</sup> e, tão logo entrou para observar [Izanami], ouviu o som de vermes carcomendo [o cadáver de Izanami] e, em sua cabeça [de Izanami] estava Ôikazuchi<sup>104</sup>; em seus seios, Honoikazuchi<sup>105</sup>; em seu ventre, Kuroikazuchi<sup>106</sup>; em seus genitais, Sakuikazuchi<sup>107</sup>; em sua mão esquerda, Wakaikazuchi<sup>108</sup>; em sua mão direita, Tsuchiikazuchi<sup>109</sup>; em sua perna esquerda, Nariikazuchi<sup>110</sup>; em sua perna direita, Fushiikazuchi<sup>111</sup>; no total havia oito divindades do trovão.

Quando Izanagi, atemorizado diante de tal visão, fugiu [de Yomi], Izanamino Mikoto, sua esposa, disse:

“*Ele me envergonhou!*”

e ordenou às Yomotsushikome<sup>112</sup> que perseguissem [Izanagi]. Entretanto, Izanagino Mikoto [enquanto fugia em disparada], atirou-lhes as uvas que enfeitavam seu cabelo e imediatamente delas brotaram vinhas<sup>113</sup>. Enquanto [as Yomotsushikome] apanhavam e comiam [as uvas] ele se apressava na fuga. Mas mesmo assim retornaram a persegui-lo. Daí, atirou o pente que usava no cacho direito de seu cabelo, ao que imediatamente nasceram brotos de bambu. Enquanto [as Yomotsushikome] apanhavam e comiam [os brotos de bambu], ele se apressava na fuga. Em seguida [Izanami] ordenou às oito divindades do trovão e a um exército de 1.500 soldados de Yomi que perseguissem [Izanagi]. Então, [Izanagi] puxou a sua espada de dez *tsuka* de comprimento e, enquanto fugia, agitava-a atrás de si. Mas a perseguição ainda continuava. Quando [Izanagi] atingiu a base da ladeira na fronteira de Yomi, apanhou três pêssegos<sup>114</sup> que ali estavam, aguardou

100. No original, *yomotsukami*, podendo ser entendido como o deus, ou os deuses que governam Yomi. De qualquer forma, o *Kojiki* é aparentemente inconsistente acerca da natureza dos deuses que governam Yomi. Tsuda (1948:400-3) conclui que isto refletiria o estado de confusão mental dos japoneses acerca da natureza de Yomi.

101. Trata-se de uma alusão ao tabu de se contaminar ao se observar um cadáver.

102. No original, *mizura*, trata-se de um estilo de penteado masculino. O cabelo era repartido ao meio e amarrado em cachos redondos na altura das orelhas com cordas chamadas *kazura*, geralmente feitas com ramos de plantas. Estes cachos eram ornados com pentes.

103. No *Nihonshoki* aparece um comentário interessante com relação a esta passagem: “Esta é a origem do tabu entre as pessoas de hoje contra acender luzes à noite e contra olhar para os túmulos à noite”.

104. Lit., “o grande trovão”.

105. Lit., “o trovão de fogo”.

106. Lit., “o trovão negro”.

107. Lit., “o trovão estrondoso”.

108. Lit., “o trovão jovem”.

109. Lit., “o trovão da terra”.

110. Lit., “o trovão ressonante”.

111. Lit., “o trovão avassalador”.

112. Lit., “mulheres horrendas de Yomi”, provavelmente trata-se de uma metáfora para o estado da morte.

113. Matsumura (1971:452-8) conecta este mito a práticas mágicas com a finalidade de prevenir que espíritos dos mortos retornassem e perturbassem os vivos.

114. A utilização de pêssegos para expelir demônios era uma prática comum na China desde a antigüidade. De acordo com alguns comentaristas este mito é produto de um período em que a influência chinesa se fazia sentir fortemente

[seus perseguidores] e, tão logo atirou-lhes [os pêssegos], [seus perseguidores] deixaram esta ladeira, retornando a Yomi. Então, Izanagino Mikoto disse aos pêssegos:

“Assim como vós me salvastes, salvei das dores e das angústias a raça de seres mortais<sup>115</sup> que habitam Ashiharano Nakatsukuni”<sup>116</sup>.

e, após proferir tais palavras, deu-lhes [aos pêssegos] o nome de Ôkamuzumino Mikoto<sup>117</sup>

Finalmente, sua própria esposa, Izanamino Mikoto, veio-lhe em perseguição. Então [Izanagi] empurrou uma enorme rocha<sup>118</sup>, bloqueando a ladeira que fazia fronteira com Yomi e, com essa rocha separando-os, ficaram face a face, cada um de um lado da fronteira e, quebrando os laços<sup>119</sup>, Izanamino Mikoto disse:

“Oh, meu adorado esposo. Como nos separastes, trarei à morte todos os dias mil dos habitantes de Nakatsukuni”;

ao que Izanagino Mikoto disse:

“Oh, minha adorada esposa, se assim o fizerdes, erguerei todos os dias 1.500 casas de parto”<sup>120</sup>.

Por este motivo inevitavelmente mil pessoas morrem por dia e inevitavelmente mil e quinhentas pessoas nascem. Desta feita, esta divindade Izanamino Mikoto é também chamada de Yomotsuôkami<sup>121</sup>. E, por ter também perseguido [Izanagi], [esta divindade] é ainda chamada de Chishikinoôkami<sup>122</sup>. A rocha bloqueando a passagem para Yomi é chamada de Chigaeshinoôkami<sup>123</sup> e, ainda, também de Sayarimasu Yomidonoôkami<sup>124</sup>. A ladeira fronteira com Yomi, hoje, é também conhecida como a ladeira Ifuyazaka da terra de Izumo<sup>125</sup>

no Japão. No *Saikiden*, p. 1264, encontramos a seguinte citação: “[...] expele-se o mau [espíritos maus] através de um arco feito de madeira de pessegueiro e com uma flecha de ibara. Além disso, deve-se notar que o número três é considerado mágico na concepção chinesa”

115. No original, *aohitokusa*, lit., “homens [mortais] como ervas”, provavelmente alusão à proliferação rápida dos seres humanos.

116. Lit., “as terras das planícies centrais onde florescem os juncos”. Trata-se de uma expressão mítica referente ao Japão. A palavra central pode ter sido utilizada aqui para localizar espacialmente o Japão entre Takamagahara e Yomi.

117. Lit., “o grande espírito celeste”.

118. Uma interpretação para esta rocha é que seria utilizada para fechar a entrada de uma câmara mortuária subterrânea. Alguns estudiosos, como Matsumura, porém, acreditam que se trata de um *saenokami*, isto é, uma divindade em pedra cultuada nas vizinhanças de algumas vilas a fim de protegê-las do ataque de maus espíritos.

119. O significado inicial é de deixarem de serem esposos mas também alude à separação entre o mundo dos vivos e dos mortos.

120. Do original *ubuya*, lit., “casa onde as crianças nascem”. Como no Japão antigo, tanto o parto, quanto a menstruação, eram tidos como impuros, a mulher em tais situações deveria viver isolada em uma construção à parte, alimentando-se também separadamente. Este costume ainda podia ser encontrado ainda no período Meiji (1868-1912).

121. Lit., “a grande deusa de Yomi”

122. Lit., “a grande deusa que perseguiu pelos caminhos”.

123. Lit., “a grande divindade que fez com que retornasse pelos caminhos”, numa alusão ao fato de a rocha ter impedido Izanami de deixar Yomi.

124. Lit., “o grande deus que bloqueia a entrada de Yomi”

125. De acordo com Tsugita (1972:66), Ifuyasaka seria a estrada principal ligando Izumo a Yamato. Neste mito temos o registro da ruptura histórica entre essas duas regiões e, por este motivo, a entrada de Yomi foi localizada em Izumo. Porém, esta explicação não é totalmente convincente, uma vez que esta passagem pode ter sido acrescentada posteriormente, não existindo na versão original do *Kojiki*.

## *O ritual de purificação de Izanagino Mikoto*

Desta feita, após escapar da terra de Yomi, o grande deus Izanagi disse:

“*Eu estive na mais vil, na mais horrenda e torpe terra jamais antes contemplada. Portanto, deverei me purificar*”<sup>126</sup>.

e, assim, chegando a Awakihara, no porto do rio Tachibana, em Himuka em Tsukushi, purificou-se e se exorcizou.

Assim, quando [Izanagi] atirou fora seu bastão, veio à existência a divindade Tsukitatsufunato<sup>127</sup>. Em seguida, quando jogou sua faixa, veio à existência a divindade Michinonagachiha<sup>128</sup>. Em seguida, quando jogou seu alforje, veio à existência a divindade Tokihakashi<sup>129</sup>. Em seguida, quando jogou seu manto, veio à existência a divindade Wazurahinoushi<sup>130</sup>. Em seguida, quando jogou suas vestes, veio à existência a divindade Chimata<sup>131</sup>. Em seguida, quando jogou seu *kagafuri*<sup>132</sup>, veio à existência a divindade Aki-gu'inoushi<sup>133</sup>. Em seguida, quando jogou o *tamaki*<sup>134</sup> a envolver seu pulso esquerdo, veio à existência a divindade Okizakaru<sup>135</sup>. Em seguida, a divindade Okitsunagisabiko<sup>136</sup>. Em seguida, a divindade Okitsukaibera<sup>137</sup>. Em seguida, quando jogou o *tamaki* a envolver seu pulso direito, veio à existência a divindade Hezakaru<sup>138</sup>. Em seguida, a divindade Hetsunagisabiko<sup>139</sup>. Em seguida, a divindade Hetsukaibera<sup>140</sup>.

Os doze deuses acima expostos, de Funato a Hetsukaibera, são todos deuses gerados a partir de partes da indumentária [de Izanagi].

Então [Izanagi] disse:

“*A correnteza é violenta, rio acima. Já, rio abaixo, é mais calma*”;  
então, ao atirar seu corpo à correnteza mais calma do rio, banhando-o e purificando-o nas águas, veio à existência a divindade Yasomagatsuhi<sup>141</sup>. Em seguida, a divindade

126. O verbo *misokisemu* utilizado no original implica purificação por ablução. Com relação a este trecho, Motoori (1978:317) rejeita qualquer interpretação espiritual, insistindo que o corpo seria purificado e não o espírito: “O exorcismo e a purificação têm o propósito de purificar o corpo. Dizer que eles são utilizados para exorcizar e purificar o espírito é um conceito completamente estranho na antigüidade japonesa”. A prática de purificação por ablução já pode ser encontrada no *Gishiwajinden*: “Quando alguém morre, eles lamentam por dez dias, período durante o qual não comem carne. Os principais pranteadores soltam seus lamentos e prantos, enquanto os outros cantam, dançam e bebem. Após o funeral, toda a família dirige-se à água e se banha, tal como na China”. Deve-se notar que mesmo hoje em dia a purificação por ablução é um elemento comum na cultura japonesa. Tal prática na antigüidade provavelmente refletia o desejo de libertar-se das impurezas originárias do contato com a morte.

127. *Tsukitatsu* significa ficar ereto e *funato* significa caminho bifurcado.

128. Lit., “o deus das grandes rochas dos caminhos”

129. *Toki* significa tempo e *hakashi*, medir. O significado provável é do deus que mede as provisões retiradas do alforje.

130. Lit., “o deus dos infortúnios”.

131. Lit., “o deus das encruzilhadas”.

132. Espécie de solidéu que adorna a cabeça.

133. Lit., “o deus que através da boca engole o mal e as impurezas”

134. Espécie de adorno, geralmente enfeitado com pérolas, que envolvia o pulso.

135. Lit., “o deus que governa as distantes sendas até o alto-mar”

136. Lit., “o deus que governa as sendas onde as ondas do alto-mar batem”

137. Lit., “o deus que governa o espaço entre a praia e o alto-mar”

138. Lit., “o deus das praias distantes”.

139. Lit., “o deus das grandes praias”

140. Lit., “o deus das praias espaçosas”.

141. Lit., “o deus da força abundante que causa o infortúnio”

Ômagatsuhi<sup>142</sup>. Estes dois deuses vieram à existência a partir das impurezas com as quais entrara em contato naquela terra terrível e torpe [terra de Yomi]. Em seguida, a fim de se purificar das impurezas, veio à existência a divindade Kamunaobi<sup>143</sup>. Em seguida, [a divindade] Ônaobi<sup>144</sup>. Em seguida, [a divindade] Izunome<sup>145</sup> [No total, três deuses]. Em seguida, quando submergiu seu corpo até o fundo das águas, veio à existência a divindade Sokotsuwatsumi<sup>146</sup>. Em seguida, [a divindade] Sokozutsunoono Mikoto. Quando submergiu [seu corpo] até metade da distância entre o fundo e a superfície das águas, veio à existência a divindade Nakatsuwatsumi. Em seguida [a divindade] Nakazutsunoono Mikoto. Quando banhou-se na superfície das águas, veio à existência a divindade Uwatsuwatsumi. Em seguida, [a divindade] Uwazutsunoono Mikoto. Estes três Grandes Deuses do Mar<sup>147</sup> são divindades cultuadas como ancestrais<sup>148</sup> dos Muraji de Azumi<sup>149</sup>. Então, os Muraji de Azumi são os descendentes de Utsushihi-ganasakuno Mikoto, filho destes Grandes Deuses do Mar. Estas três divindades – Sokozutsunoono Mikoto, Nakazutsunoono Mikoto e Uwazutsunoono Mikoto –, são as grandes divindades que estão à frente [protetoras] de Suminoe<sup>150</sup>.

Quando [Izanagi] lavou seu olho esquerdo, veio à existência a divindade chamada Amaterasuômikami<sup>151</sup>. Em seguida, quando [Izanagi] lavou seu olho direito, veio à existência a divindade chamada Tsukuyomi<sup>152</sup>. Em seguida, quando [Izanagi] lavou o nariz, veio à existência a divindade chamada Takehayasusano Mikoto<sup>153</sup>.

As quatorze divindades acima citadas, de Yasomagatsuhi a Hayasusano Mikoto, foram todas geradas a partir da purificação de seu corpo.

#### *A divisão dos domínios entre os três deuses*

Neste tempo, Izanagino Mikoto disse regozijando de alegria:

*“Gerei tantos filhos, mas só no final, consegui gerar três nobres crianças”* e, removendo o colar de contas de seu pescoço, chacoalhou suas contas e, presenteadando-o a Amaterasu, disse:

*“Deverei governar Takamagahara”*<sup>154</sup>.

142. Lit., “o grande deus da força que causa o infortúnio”.

143. Lit., “o deus da força que corrige os infortúnios”.

144. Lit., “o grande deus do infortúnio”.

145. Lit., “a deusa consagrada”.

146. Deste deus até Uwatsutsunoono Mikoto, temos os deuses que protegem as embarcações, os portos e os mares.

147. No original, *Watatsumi*.

148. Este é o primeiro dos inúmeros registros existentes no *Kojiki* nos quais ancestrais de famílias poderosas são introduzidos na mitologia oficial. A formulação de uma correta genealogia relacionando todas as famílias aristocratas ao clã dominante de Yamato foi um dos objetivos para a compilação desta obra.

149. *Azumi* é o nome de um antigo clã ligado à pesca, encarregado de prover a alimentação ao imperador. Muraji, significando o senhor da vila, é um dos títulos de *kabane* da antigüidade.

150. Provavelmente referência a um famoso templo de Osaka, cuja construção tradicionalmente atribui-se à lendária imperatriz Jingû (170-269), tendo sido erguido em honra aos deuses do mar, que a teriam auxiliado em sua expedição para a Coréia.

151. Lit., “a divindade suprema que resplandesce no alto dos céus”.

152. Lit., “a divindade que conta as luas”.

153. Lit., “o deus intrépido e veloz que traz a destruição”.

154. De acordo com alguns autores, Izanagi teria cedido à deusa todo seu poder espiritual, simbolizado pelo colar. Cos-

e assim, recebendo [a jóia], foi incumbida de sua missão. O nome deste colar é deus Mikuratana. Em seguida, disse a Tsukuyomino Mikoto:

*“Deverei governar o reino da noite”*

e, em seguida, disse a Takehayasusanoono Mikoto:

*“Deverei governar o oceano”*<sup>155</sup>.

e, assim, confiou a cada um deles a sua missão.

### *A lamentação de Hayasusanoono Mikoto*

[Amaterasu e Tsukuyomi] governavam [seus domínios], de acordo com seus desígnios [de Izanagi], mas Hayasusanoono Mikoto não governava o reino a ele confiado, pranteando e lamentando profundamente até sua longa barba finalmente atingir a altura do peito<sup>156</sup> Este seu pranto foi tal que as verdejantes montanhas mirraram e todos os rios e mares secaram. Em todos os lugares ouvia-se o brado dos deuses malevolentes, abundantes como moscas, ocorrendo toda a sorte de calamidades. Então Izanagi dirigiu-se a Hayasusanoono Mikoto e perguntou-lhe:

*“Por que não governais os domínios que vos confiei, mas somente pranteias?”* ao que [Hayasusanoono] respondeu-lhe:

*“Meu pranto é por desejar ir a Nenonatasukuni, a terra onde jaz minha mãe”;* mas, ao ouvir tais palavras, o grande deus Izanagi disse enfurecido:

*“Se é assim, já não mais habitareis esta terra [Nakatsukuni]”;* e, com tais palavras, banuiu-o dali. Este grande deus Izanagi encontra-se guardado em Taga<sup>157</sup> em Azumi.

### *2.3. A deusa Amaterasu e Hayasusanoono Mikoto*

#### *A expulsão de Hayasusanoono Mikoto*

Neste tempo Hayasusanoono Mikoto disse:

*“Antes, porém, desejo despedir-me da deusa Amaterasu”;*

e, assim que ascendeu aos céus, as montanhas e as águas bramiram e toda a terra tremeu. Amaterasu, ao ouvir [este barulho], disse aturdida:

tuma-se relacionar o chacoalhar das contas do colar com antigas cerimônias de *chinkon* (para a pacificação dos espíritos), nas quais se agitavam amuletos. Além disso, este colar é um dos três símbolos da realeza no Japão, simbolizando o poder delegado por Amaterasu.

155. Na versão do *Nihonshoki*, Susanoo é encarregado de governar Nenokuni, ou seja, o reino das profundezas. Trata-se de um personagem mítico extremamente complexo, muitas vezes identificado como o deus das tormentas, como herói nacional, como revoltoso político etc. Originariamente Susanoo é considerado uma divindade de Izumo e seu nascimento a partir de Izanagi, assim como Amaterasu, foi uma tentativa de inseri-lo no quadro da mitologia oficial.

156. Existem inúmeras interpretações acerca da não obediência de Susanoo e de seu comportamento no restante da narrativa, sugerindo que este mito é um paradigma para a superação de problemas na corte referentes à sucessão imperial. Cf. Luís Fábio Mietto, “Estudo Contrastivo da Imagem da Morte através da Leitura das Narrativas Históricas Gregas e Japonesas”, em: *Estudos Japoneses*, 14:48-61, 1994.

157. Localidade de Azumi, na atual prefeitura de Shiga. De acordo com Tsuda, este lugar originariamente não tinha relação com Izanagi e esta passagem seria na realidade posterior, tendo sido acrescentada num período no qual vários templos lutavam para aumentar seu grau de importância, através de relatos míticos acerca de sua origem.

*“Certamente não são boas intenções que o trazem aqui [Hayasusanoo]. Sinto que ele deseja usurpar meus domínios”;*

e, assim, desfez imediatamente seu penteado, os cacheou<sup>158</sup>, enfeitou os cachos em ambos os lados esquerdo e direito e também em ambas as mãos esquerda e direita, prendeu jóias adornadas com uma miríade de filamentos de contas de *magatama*<sup>159</sup>; em suas costas colocou uma aljava com mil flechas e, em seu peito, uma aljava com quinhentas flechas; e, ainda, amarrou um poderoso *takatomo*<sup>160</sup> [em sua mão esquerda] e, agitando a extremidade superior de seu arco, cravou com tal facilidade suas pernas na dura terra até a altura de suas coxas, que parecia estar lutando contra a macia neve; bramiu com fúria violenta cravando firmemente seus pés no solo e, esperando [Hayasusanoo] desta forma, perguntou-lhe:

*“Qual o motivo de virdes até meus domínios?”;*

Hayasusanoo respondeu:

*“Não há mal algum em meu coração. Simplesmente, respondi à grande divindade [Izanagi], quando me perguntou as razões de meu tão longo pranto, que pranteava pois desejava ir a terra onde jaz minha mãe. Então, a grande divindade [Izanagi] ordenou-me que não mais habitasse nesta terra [Nakatsukuni] e, por ter me expulsado daqui, vim para vos contar as intenções de minha ida [a terra de minha mãe]. Não oculto nenhuma outra intenção”;*

e, após ouvir isto, a deusa Amaterasu perguntou-lhe:

*“Como poderei saber se tendes o coração puro?”;*

neste momento Hayasusanoo lhe responde:

*“Vociferemos<sup>161</sup> aos deuses e geremos filhos então”*

### *A contenda das duas divindades*

Então, sob estas circunstâncias, ficaram com o rio Amenoyasu separando-os e, quando chegou o momento de vociferarem, Amaterasu pediu pela espada de dez *tsuka* carregada por Takehayasusanoono Mikoto e, partindo-a em três pedaços, purificou-os chapinhando-os nas águas de Amenomanai<sup>162</sup>, mastigou-os e, quando os expeliu na forma de uma fina névoa, veio à existência a divindade chamada Takiribimeno Mikoto<sup>163</sup>. Esta divindade também é conhecida como Okitsushimahimeno Mi-

158. No original, *mizura*, um tipo de penteado masculino, conforme nota 102. O fato da deusa ser descrita em termos masculinos levou alguns estudiosos, particularmente Tsuda, a supor que Amaterasu seria na realidade uma divindade masculina, refletindo a própria figura do imperador. Esta divindade representando o sol seria, então, um deus utilizado pelas xamãs e a narrativa refletiria a preparação das xamãs para serem possuídas por este deus.

159. Pedras curvas utilizadas na antigüidade japonesa como ornamento. No período Jômon são encontrados em grande quantidade exemplares feitos de garras ou dentes de animais, enquanto que no período Kofun surgem exemplares de cristais ou vidro.

160. Trata-se de um tipo de protetor colocado na mão esquerda para protegê-la dos movimentos do arco.

161. No original *ukehi*, trata-se de uma cerimônia para conhecer a vontade divina. A diferença para com o *uranai* é que, enquanto neste se procura decifrar o desconhecido, no *ukehi* cada uma das partes se proclama justa diante da divindade e clama por um julgamento. Este rito era realizado na presença de uma divindade ou de um grupo grande de pessoas, aguardando-se os sinais divinos para se saber quem estava correto.

162. Uma espécie de fonte ou poço sagrado de Takamagahara.

163. Lit., “a princesa da névoa”.

koto<sup>164</sup>. Em seguida, [veio à existência] Ikichishimahimeno Mikoto<sup>165</sup>. Esta divindade também é conhecida como Sayoribimeno Mikoto. Em seguida, [veio à existência] Takitsuhimeno Mikoto<sup>166</sup> [nove deuses].

Hayasusanoono Mikoto pediu pela miríade de filamentos de *magatama* que ornavam o lado esquerdo do penteado de Amaterasu e, tilintando suas contas, purificou-as nas águas de Amenomanai; mastigou-as e, da fina névoa formada ao expeli-las, veio à existência a divindade conhecida como Masakatsuakatsukachihayahiamenooshohomimino Mikoto<sup>167</sup>. Igualmente, pediu pela miríade de filamentos de *magatama* que ornavam o lado direito do penteado de Amaterasu, mastigou-as e, da fina névoa formada ao expeli-las, veio à existência a divindade conhecida como Ameno-hohino Mikoto<sup>168</sup>. Igualmente, pediu pelas contas que ornavam e sustentavam seu penteado, mastigou-as e, da fina névoa formada ao expeli-las, veio à existência a divindade Amatsuhikoneno Mikoto. Igualmente, pediu pelas contas que ornavam seu braço esquerdo, mastigou-as e, da fina névoa formada ao expeli-las, veio à existência a divindade Ikutsuhikoneno Mikoto<sup>169</sup>. Igualmente, pediu as contas que ornavam seu braço direito, mastigou-as e, da fina névoa formada ao expeli-las, veio à existência a divindade Kumanokusubino Mikoto<sup>170</sup>. Ao todo surgiram cinco divindades.

Neste momento a deusa Amaterasu dirige-se a Hayasusanoono Mikoto, dizendo-lhe:

*“Estas cinco crianças recém-nascidas do sexo masculino foram geradas a partir de objetos [jóias] de minha propriedade. Portanto, são naturalmente meus filhos. As três crianças do sexo feminino, nascidas primeiro, foram geradas a partir de um objeto [espada] de vossa propriedade. Portanto, naturalmente são vossas filhas”*; assim dizendo, ela as distinguiu. A primeira divindade nascida, Takiribimeno Mikoto, encontra-se guardada no Nakatsumiya de Munakata. Ikichishimahimeno Mikoto encontra-se guardada no Nakatsumiya de Munakata. Takitsuhimeno Mikoto encontra-se guardada no Hetsumiya de Munakata. Estas três divindades são os três grandes deuses reverenciados pelos *Kimi*<sup>171</sup> de Munakata. Entre as cinco divindades nascidas por último, o filho de Ameno-hohino Mikoto, Takehiratorino Mikoto é o ancestral dos Kunino Miyatsuko de Izumo, dos Kunino Miyatsuko de Muzashi, dos Kunino Miyatsuko de Kamitsuunakami, dos Kunino Miyatsuko de Shimotsuunakami, dos Kunino Miyatsuko de Ijimu, dos Agatanushi de Tsushima e dos Kunino Miyatsuko de Tohotsuafumi.

Em seguida, Amatsuhikoneno Mikoto é o ancestral do Kunino Miyatsuko de Ofushikafuchi, dos Muraji de Nukatabeno Yue, dos Kunino Miyatsuko de Ubaraki, dos Atahi de Tanaka em Yamato,

164. Lit., “a princesa da ilha distante”

165. Lit., “a princesa da ilha Ikichi”, onde Ikichi é relacionada com a ilha de Itsuku, na prefeitura de Hiroshima.

166. Lit., “a princesa das águas murmurejantes”

167. Lit., “a grande divindade celeste que governa as espigas de arroz e é possuidora da vigorosa força vitoriosa que traz a vitória certa, a vitória rápida do sol”.

168. Esta divindade é tida como ancestral dos clãs de Izumo. Seu nome significa a “deusa dos arrozais”.

169. Lit., “a princesa da vida”

170. Lit., “a divindade de Kumano da força extraordinária”

171. Título dado a oficiais que governavam as terras sob a autoridade dos Kunino Miyatsuko, ou dos Agatanushi. Este título posteriormente tornou-se um nome de família.

dos Kunino Miyatsuko de Yamashiro, dos Kunino Miyatsuko de Umakuda, dos Kunino Miyatsuko de Kihî em Michino Shiri, dos Kunino Miyatsuko de Suhau, dos Miyatsuko de Amuchi em Yamato, dos Agatanushi de Takechi, dos Inoki de Kamafu e dos Miyatsuko de Sakikusabe<sup>172</sup>.

### *A vitória de Hayasusanoono Mikoto*<sup>173</sup>

Neste momento Hayasusanoo dirige-se à deusa Amaterasu dizendo-lhe:

*“Meu coração é puro. Por esta razão gerei filhas graciosas. Desta forma, a vitória sem dúvida a mim pertence”*;

assim, exultante com a vitória, destruiu os canteiros dos campos [arrozais] de Amaterasu, soterrou suas valas e, além disso, defecou na sala onde se ofertavam os primeiros frutos<sup>174</sup>. Mesmo assim, Amaterasu não o reprovou, mas apenas disse:

*“Aquilo, semelhante a fezes, deve ser o vômito de meu irmão, que estava embriagado. Com relação à destruição dos canteiros e o soterramento de suas valas, meu irmão deve ter agido assim pois certamente pensava ser inútil usar as terras desta forma”*;

e, embora [Amaterasu] bem intencionada tentasse explicar [os atos de Hayasusanoo], seu mau comportamento [de Hayasusanoo] não cessava, mas tornava-se cada vez mais violento.

Quando a deusa Amaterasu se encontrava na sala sagrada de tecelagem<sup>175</sup> observando a tecedura das vestes divinas, [Hayasusanoo] abriu um buraco na porção central mais alta do forro da sala de tecedura divina e atirou um cavalo que tivera sido esfolado a partir da cauda; as tecelãs divinas ao verem-no, assustaram-se, bateram seus genitais contra a lançadeira e, assim, vieram a morrer.

### *A reclusão de Amaterasu na Gruta Celeste*

Neste tempo, a deusa Amaterasu, receosa diante do que presenciava, abriu a entrada da gruta celeste<sup>176</sup> e entrou em seu interior, fechando-se ali. Neste momento Takamagahara cobriu-se de trevas e Ashiharano Nakatsukuni<sup>177</sup> mergulhou em completa escuridão. Por esta razão [devido à Amaterasu ter-se escondido] as trevas reinavam intermitentes. Em todas as partes ouviam-se os prantos das miríades de deuses, abundantes como moscas e ocorria toda a sorte de calamidades. Diante disto, as oitocentas miríades de deuses reuniram-se em assembléia divina nas margens do rio Ameno Yasu, pedindo para a divindade Omoikane<sup>178</sup>, filho da divindade Takamimusubi, refletir [so-

172. Este trecho também contém dados genealógicos cuja intenção é relacionar diretamente os ancestrais dos clãs mais poderosos à Amaterasu, garantindo, assim, lealdade destes para com a família imperial. Assim, os Kunino Miyatsuko são de governadores das províncias e os Agatanushi são governadores do distrito de Agata.

173. Vide nota 156.

174. Refere-se à sala onde era realizada a cerimônia da colheita.

175. No original, *Imiwataya*. Matsumura (1971:560-3) sugere que este trecho é uma reminiscência da obrigação da sacerdotisa do sol de tecer vestes e ornamentos a serem utilizados no culto à divindade solar.

176. No original, *Ameno Iwayato*.

177. Vide nota 116.

178. Lit., o “deus da sapiência”.

bre o acontecido] e, então, juntaram as Naganakidori<sup>179</sup> de Tokoyo<sup>180</sup>, apanharam a dura rocha da margem superior do rio Ameno Yasu, tomaram o ferro do monte Ameno Kana, procuraram pelo ferreiro Amatsumara, encarregaram Ishikoridomeno Mikoto de construir um espelho; Tamanoyano Mikoto de fazer uma jóia adornada com uma miríade de filamentos de contas de *magatama*; chamaram Amenokoyaneno Mikoto e Futotamano Mikoto, pedindo-lhes que removessem os ossos escapulares de um cervo macho do monte Ameno Kagu; apanharam a *hahaka*<sup>181</sup> [nome de árvore] do monte Ameno Kagu, para então iniciarem as adivinhações<sup>182</sup>; arrancaram as raízes das floridas árvores *masaka*<sup>183</sup> do monte Ameno Kagu, em seus ramos superiores prenderam a miríade de filamentos de contas de *magatama*, em seus ramos medianos prenderam um espelho<sup>184</sup> de grandes dimensões e em seus ramos inferiores suspenderam vestes alvas e azuis; estes vários apetrechos estavam nas mãos de Futotamano Mikoto, como oferendas solenes<sup>185</sup> e Amenokoyaneno Mikoto entoava a liturgia solene; a divindade Amenotajikaraono ocultou-se na entrada [da gruta] e, enquanto isto, Amenouzumeno Mikoto prendia as mangas de suas vestes com ramos da *hikage*<sup>186</sup> celeste, amarrou *masakinokazura* em sua cabeça, prendeu em suas mãos montes de folhas de salsa do monte Ameno kagu, esvaziou uma tina em frente à entrada da gruta celeste, pôs-se a retumbá-la com os pés, expôs seus seios e baixou suas vestes expondo seus genitais. Neste momento, Takamagahara ressoou efusivamente com a miríade de deuses gargalhando e rindo em uníssono<sup>187</sup>.

Neste momento, a deusa Amaterasu estranhou [esta movimentação toda], abriu parcialmente a entrada de Ameno Iwayato e, de dentro, disse:

*“Amenohara encontra-se em trevas, pois me escondi e, assim também, Ashihara-nonakatsukuni deve estar em completa escuridão; mas então, qual o motivo de Amenouzume dançar e cantar e da miríade de deuses gargalharem e rirem em uníssono?”*; então, Amenouzume disse:

*“Rejubilamos pois há entre nós uma divindade a vós superior”*; e, enquanto dizia isto, Amenokoyaneno Mikoto e Futodamano Mikoto trouxeram o espelho e, quando o mostraram à Amaterasu, esta, achando tudo cada vez mais es-

179. Lit., “aves do longo pranto”, geralmente identificadas com galos. Estes animais eram elementos característicos de funerais entre várias culturas, devido a sua associação com a escuridão, com o alvorecer, com o ressurgimento do sol (ou ressurreição para a vida) e com a expulsão de espíritos malévolos.

180. Lit., “terra da eternidade”

181. Alguns autores identificam-na com diversas variedades de cerejeiras ou bétulas, árvores em cuja casca eram queimados os ossos dos cervos para a prática das adivinhações.

182. No original, *uranai*. Vide nota 161.

183. Abrev. de *masakinokazura*, geralmente identificada como evônimo-do-Japão, uma árvore ornamental muito utilizada em cerimônias xintoístas.

184. O espelho e as jóias são símbolos imperiais, até nossos dias.

185. Não se trata de oferendas *strictu sensu*, mas sim de objetos utilizados com o intuito de induzir a possessão pelo espírito da divindade. Este trecho provavelmente reflete ritos efetuados pelos clãs Nakatomi, Sarume e Imube, clãs de sacerdotes com fortes relações com a família imperial. Em algumas versões do *Nihonshoki*, a saída da deusa é resultado direto das práticas dos ancestrais dos Imube ou dos Nakatomi.

186. Espécie de trepadeira, identificada como a *Lycopodium clavatum*, var. *nipponicum*.

187. Deve-se notar aqui as várias preparações para a possessão xamanística, passíveis de comparação com as cerimônias do *chinkonsai* da corte imperial. Vide nota 154.

tranho, foi saindo aos poucos para a entrada e, enquanto observava sua imagem refletida no espelho, Amenotajikaraono Kami, que se escondera, agarrou as suas mãos e a puxou para fora. Imediatamente Futodamano Mikoto estendeu a corda atrás dela e disse:

“*Já não podeis retornar para o interior [da gruta] além deste ponto*”;

e, quando a deusa Amaterasu finalmente saiu, tanto Takamagahara quanto Ashihara-no Nakatsukuni retornaram às luzes.

### *O banimento de Hayasusano e a origem dos cinco tipos de cereais*

Neste tempo, as oitocentas miríades de deuses reunidos deliberaram impor a Hayasusano no Mikoto como oferenda uma miríade de tábuas com presentes restitutos e, para se purificar de suas culpas, cortaram-lhe a barba, as unhas de suas mãos e pés e o expulsaram. Porém, [Hayasusano] pediu à deusa Ôgetsuhime<sup>188</sup> alimentos. Ôgetsuhime tirou diversos alimentos de seu nariz, de sua boca e de seu ânus, preparando com eles diversas iguarias mas, quando as presenteou a Hayasusano no Mikoto ele, que observara todos os seus movimentos, achou que ela sujara a comida antes de lhe oferecer e a matou. Então, do corpo da deusa morta brotaram várias coisas: de sua cabeça cresceram bichos de seda, de seus olhos nasceram brotos de arroz, de seus ouvidos nasceram painços, de seu nariz nasceram feijões, de sua genitália nasceu trigo e de seu ânus nasceu soja e, então, Kamimusuhino Mioyagami no Mikoto<sup>189</sup> apanhou-os, usando-os como sementes.

### *3. Breves Comentários acerca do Trecho Apresentado*

A obra *Kojiki* compõe-se de três tomos. O primeiro tomo narra a criação do arquipélago japonês e explica as origens divinas da família imperial, servindo como base para a unificação histórica e ideológica do Japão antigo, através da ordenação e estruturação de ocorrências específicas do passado, de modo a que a ordem sociopolítica vigente pudesse ser identificada com uma ordem sacra mais alta, legitimando, assim, a distribuição do poder. Ou seja, o Estado japonês sacralizou a instituição imperial, baseado nas noções de que o imperador era o soberano da nação, seu supremo sacerdote e um *kami* (lit., “deus”) vivo, providenciando, desta forma, uma legitimação cósmica para a síntese política, social, religiosa e econômica que se cristaliza no século VIII.

O segundo tomo inicia com a pacificação de Yamato pelo lendário imperador Jinmu, tido como o primeiro imperador do Japão e descendente direto da deusa do sol Amaterasu, prosseguindo com a pacificação das províncias do Leste, de Koshi e de Taniha pelo imperador Sujin, depois, narrando o envio de Tajimamori pelo imperador Suinin para a China, a unificação de Honshû por Yamatotakeru (um dos mais famosos heróis lendários japoneses), e finaliza com a subjugação de Silla e Paekche na Coreia pela lendária imperatriz Jingû.

188. Lit., “a grande deusa dos alimentos”.

189. Lit., “o deus pai da divina força vital”

O tema principal dos dois primeiros tomos é o registro da expansão territorial do clã imperial, ocorrendo paralelamente com a expansão das relações da divindade central do clã imperial com os deuses dos territórios dos demais clãs que disputavam com este pelo poder. A base histórica para tanto reside no fato de que os *uji*, ou seja, os diversos clãs nos quais o Japão se encontrava dividido antes do processo de unificação, serem não somente unidades sociais, econômicas e políticas, mas também unidades de solidariedade religiosa centradas na figura do *ujigami* (o *kami* representante do clã). Quando o clã se tornava demasiadamente grande, seus membros eram enviados para outras regiões onde estabeleciam ramificações dos templos do *ujigami*, numa prática conhecida como *bunrei* (lit., “dividir o espírito” [do *kami*]). Quando um clã mais poderoso subjugava outro, os membros deste último eram incorporados à sua estrutura, adotando o nome do clã conquistador. Nestes casos, o *kami* do clã subjugado era apropriado e frequentemente transformado em uma espécie de parente do *kami* do clã conquistador. Desta forma, vários dos deuses e personagens que surgem na obra podem ser vistos como símbolos dos clãs mais poderosos. Estes dois primeiros tomos da obra providenciam ligações de parentesco entre os clãs mais poderosos e o clã imperial, com o propósito de alcançar uma certa estabilidade política.

O terceiro tomo se inicia com o imperador Nintoku, conhecido como o imperador sábio, lidando basicamente com a consolidação final do poder absoluto do imperador, através das disputas entre o clã imperial e outros clãs regionais, estendendo-se até o reinado de Suiko (593-628).

De uma forma geral, os mitos encontrados no primeiro tomo do Kojiki podem ser classificados em cinco grandes categorias:

1) *Mitos cosmogônicos*, de acordo com os quais, nos momentos iniciais da criação do cosmos surgiu em Takamagahara uma trindade de *kami* – Amenominakanushi, Takamimusubi e Kamimusubi. Conforme Ôbayashi (1990:21), como Takamimusubi e Kamimusubi são respectivamente do sexo masculino e feminino, Amenominakanushi (lit., “a divindade central do céu”) é o criador do domínio celeste. Estes mitos encontram paralelos no Sudeste Asiático e Ásia Central.

2) A segunda categoria de mitos constitui-se nos registros de Izanami e Izanagi, os genitores das ilhas japonesas, dos fenômenos físicos da natureza e dos diversos *kami* existentes no universo. O nascimento do *kami* do fogo causa a morte de Izanami, que desce à terra de Yomi com o intuito de trazê-la de volta ao mundo dos vivos. Izanagi a persegue, mas foge ao ver seu cadáver em decomposição. Ao retornar para Takamagahara pratica um ritual de purificação nas águas do mar, do qual nascem Amaterasu (considerada a ancestral divina da família imperial), Tsukuyomi e Susanoo. Segue-se uma contenda entre Amaterasu e Susanoo, da qual Susanoo surge vitorioso e Amaterasu esconde-se numa caverna devido aos atos maus praticados por Susanoo. Alguns destes motivos encontram paralelos no Sudeste Asiático e no Sul da China.

3) Os mitos de Izumo começam com os registros acerca de Susanoo, o irmão impetuoso de Amaterasu. Este, após o retorno de Amaterasu de sua reclusão na ca-

verna, é banido para a área de Izumo, onde salva a vida de uma jovem que seria entregue a uma terrível serpente para ser devorada. Ele destrói a serpente e encontra uma espada em sua cauda, com a qual presenteia Amaterasu. Esta espada torna-se um dos símbolos imperiais. A figura central destes mitos, entretanto, é Ôkuninushi (lit., “o grande senhor das terras”), descendente da quinta geração de Susano. Era ele quem governava a terra de Izumo com o auxílio de Sukunabikona, interpretado muitas vezes como um seu alter ego. Amaterasu reivindica a soberania destas terras e, no final da narrativa mítica, o soberano de Izumo, Ôkuninushi, entrega seus domínios ao *kami* dos domínios celestes (ou seja, para Amaterasu e seus descendentes).

4) Com a oferta da jurisdição da terra pelo soberano de Izumo, os compiladores dos mitos japoneses passam ao domínio celeste. Amaterasu, depois de reconquistar Izumo, envia seu neto, Ninigi, para governar suas terras. Alguns comentaristas apontam que deveriam existir dois conjuntos de mitos referentes a Takamagahara – um com Takamimusubi como figura central e outro, com Amaterasu como a figura central. Apesar dos compiladores terem conectado cuidadosamente estes dois *kami*, casando a filha de Takamimusubi com o filho de Amaterasu, gerando assim Ninigi, originariamente estes mitos não tinham nenhuma ligação entre si.

5) Os mitos de Hiuga iniciam-se com a descida de Ninigi, acompanhado por cinco *kami*, no topo da montanha de Hiuga, freqüentemente relacionada com um local de mesmo nome localizado em Kyûshû. Na seqüência deste mito, Ninigi casa-se com Konohanasakuyahime (lit., “a princesa que floresce brilhantemente como flores nas árvores”) e geram dois filhos. Ele despreza a sua irmã Iwanagahime (lit., “a princesa da rocha comprida”), por esta ser feia. Esta se sente ultrajada por ter sido rejeitada e o amaldiçoa dizendo: “Se o Augusto neto tivesse desposado a mim e não me rejeitado, a criança nascida teria vida longa e resistiria para sempre como as rochas cobertas de limbo. Mas como ele não o fez assim, desposando apenas minha irmã mais nova, a criança nascida conhecerá a decadência como as flores das árvores” Este se constitui num dos pontos centrais da narrativa mítica, tentando explicar a mortalidade dos descendentes de Ninigi e, conseqüentemente, dos imperadores japoneses, resolvendo, assim, cognitivamente o fato de os imperadores japoneses, considerados divinos, também conhecerem a morte.

No presente trabalho apresentamos apenas os mitos relativos às duas classificações supracitadas, geralmente identificadas como *Ciclo de Yamato*.

Com relação à origem dos mitos encontrados nesta obra, os compiladores aproveitaram-se de fragmentos de mitos e histórias originariamente transmitidas nas províncias, escrevendo-as em linguagem chinesa, mas num estilo basicamente japonês, embora possa-se sentir uma forte influência das formas narrativas chinesas, como as adotadas na filosofia confucionista. Assim, o *Kojiki* pode ser considerado como o encontro entre tradições populares autóctones e a cultura continental apreendida pelos intelectuais da corte japonesa nos séculos VII e VIII.

Os mais antigos fragmentos do material nativo, como o referente a Amaterasu, a Izanagi e a Izanami, não se restringem apenas ao Japão, podendo-se encontrar narrativas similares em vários pontos da Ásia. Porém, embora como e quando estes mi-

tos foram transmitidos ainda não esteja muito claro o que se sabe com certeza é que, na época da compilação deste material, alguns destes mitos já haviam sido incorporados e se tornado parte intrínseca das crenças japonesas que parecem ser, na realidade, uma síntese de elementos culturais oriundos das mais diversas regiões da Ásia.

Quando se examina a narrativa desta obra percebe-se a existência de duas grandes linhagens de deuses identificáveis com tradições provinciais – a linha de Izumo, concentrada em Kamimusuhi, Susanoo e seus descendentes, em especial Ôkuninushi, e a linha de Yamato, concentrada em Takamimusubi, Amaterasu e seus descendentes. Na obra, estes deuses foram cuidadosamente combinados por relações de parentesco, construindo, assim, um consenso acerca do cenário político da época.

O tomo inicial do *Kojiki* apresenta o universo em evolução gradativa, com cada um de seus estágios devidamente simbolizados por um deus, ou *kami*, os quais muitas vezes têm nomes vagos e incertos. Tsuda (1950:325-41) observa que os deuses e os diversos motivos destes registros não devem ter sido baseados em tradições populares, sendo, antes, produtos intelectuais com influência chinesa, acrescentados apenas por razões estilísticas e para servir como pano de fundo aos deuses Izanagi e Izanami, os progenitores da linhagem imperial e a partir dos quais a mitologia japonesa propriamente dita deveria começar. O fato dos deuses anteriores a Izanagi e Izanami não praticarem nenhum tipo de ação, sumindo logo após seu surgimento, corrobora para esta análise, pois os compiladores estavam muito mais interessados em justificar a hegemonia imperial do que em elucidar o início do universo. Mesmo assim, a própria escolha de tais deuses para servir como pano de fundo para Izanagi e Izanami reflete bem o modo de vida do japonês da antigüidade totalmente inserido na agricultura, como podemos observar a partir dos significados dos nomes dos deuses Takamimusubi e Kamimusubi (respectivamente, “a suprema divindade da força criadora” e a “suprema divindade criadora”). A própria forma como os deuses surgiram também reflete isto, uma vez que todos parecem nascer espontaneamente, da mesma forma como as plantas brotam da terra.

O mundo, de acordo com o *Kojiki*, consiste em Takamagahara, governado por Amaterasu, Nenokuni, que deveria ser governado por Susanoo e Nakatsukuni (a “terra do centro”, ou o Japão), cujos governantes deveriam ser Amaterasu e seus descendentes. Assim, o universo através desta obra aparece tripartido entre céu, terra e mundo subterrâneo. Takamagahara, o primeiro destes mundos, ou o mundo das luzes, aproxima-se do conceito taoísta de paraíso, enquanto que o último, Nenokuni, seria um mundo de escuridão e sombras.

Os deuses que habitavam os céus às vezes visitavam Nakatsukuni e em casos excepcionais um mortal tinha o poder de se transportar para Takamagahara (como no caso de Yamato Takeru que após a morte se metamorfoseou num pássaro branco e voou para Takamagahara), ou seja, os céus e a terra não estavam totalmente separados, como o prova a própria existência de *ameno ukibashi*, a ponte flutuante celeste, que surge logo no início da obra. Porém, muitas vezes torna-se difícil a identificação do cenário onde as narrativas se passam e, além disso, os deuses com atributos humanos, à semelhança dos deuses gregos, parecem ser mais uma extensão da própria

corte de Yamato, ou melhor, uma imagem cósmica ancestral da corte terrestre. A apresentação de um céu e de uma terra interrelacionados é, sem dúvida, de inspiração chinesa – como estes dois universos não eram separados é natural que os deuses sejam considerados ancestrais dos governantes da terra.

A narrativa de Susano e Amaterasu constitui-se no centro do trecho aqui apresentado, mostrando a luta entre estes dois deuses, o banimento de Susano à Izumo e o incidente da reclusão de Amaterasu para uma caverna em consequência de atos praticados por este deus. Susano é considerado um elemento essencial para a conexão entre os mitos da linha Izumo e Yamato. Na tradição de Yamato, os deuses criadores do Japão eram Izanagi e Izanami, enquanto na linha de Izumo eram Ôkuninushi e Sukunabikona. Portanto, a fim de tornar a narrativa do *Kojiki* consistente, Susano foi apresentado como irmão de Amaterasu, foi banido para Izumo e lá se tornou o ancestral de Ôkuninushi e Sukunabikona os quais, no final do tomo primeiro, entregam as terras do Japão a Amaterasu e a seus descendentes, jurando-lhes estrita obediência.

O que fica patente na leitura da mitologia é que o clã imperial, ao impor seu poderio político sobre os demais clãs, incorporou os *kami* de outros clãs à estrutura mítica do clã imperial por meio de uma cuidadosa reinterpretação baseada na descendência ou genealogia. A soberania do imperador se impôs e se manteve através de seus aspectos míticos e de comando, transformando-se num princípio de ordem supra-social. Os mitos dos diferentes clãs e das mais diferentes origens foram transformados, atingindo o estatuto de acontecimentos históricos – fatos míticos e fatos históricos foram interligados de forma a assegurar a ordem interna de toda a sociedade. Desta forma criou-se um consenso acerca da ordem do mundo, mediante esquemas determinados de percepção, pensamento e ação, mediados por símbolos religiosos. Estes símbolos construíram a identidade coletiva na forma de um consenso normativo, que foi incorporado pelo próprio Estado. A narrativa mítica parece integrar normativamente o social, reproduzindo, num processo estereotípico totalizante e normativo, as estruturas da sociedade japonesa da antigüidade.

### *Bibliografia*

- KOJIKI. In: *Nihon Koten Bungaku Zenshû (Obras Completas da Literatura Japonesa Clássica)*. Tóquio, Shôgakkan, 1971 (trad. Ogihara Asao).
- MATSUMAE, Takeshi. *Nihon no Kamigami (Os Deuses do Japão)*. Tóquio, Chûôkoronsha, 1974.
- MATSUMAE, Takeshi. *Nihon Shinwa to Kodai Seikatsu (A Mitologia Japonesa e a Vida na Antigüidade)*. Tóquio, Yuseidô, 1970.
- MATSUMURA, Takeo. *Nihon Shinwa no Kenkyû (Estudos sobre Mitologia Japonesa)*. Tóquio, Baifûkan, 1971, 4 vols.
- MOTOORI, Norinaga. *Motoori Norinaga Zenshû (Obras Completas de Motoori Norinaga)*. Tóquio, Kôbun-kan, 1978.
- NAOKI, Kojiro. *Nihon Shinwa to Kodai Kokka (A Mitologia Japonesa e a Unificação Nacional)*. Tóquio, Kôdansha, 1992.

- ÔBAYASHI, Taryô. *Nihon Shinwa no Kigen (A Origem da Mitologia Japonesa)*. Tóquio, Tokuma Bunkô, 1990.
- RAIKI. In: *Shin'yaku Kanbun Taikai (Grande Antologia dos Clássicos Chineses em Nova Tradução)*. Tóquio, Meiji Shoin, 1979, vol. 29.
- SHUNJÛSASHIDEN. In: *Shin'yaku Kanbun Taikai (Grande Antologia dos Clássicos Chineses em Nova Tradução)*. Tóquio, Meiji Shoin, 1979, vol. 32.
- TSUDA, Sôkichi. "Nihon Jôdaishi no Kenkyû" ("Estudos sobre História Japonesa Antiga"). In: *Tsuda Sôkichi Zenshû (Obras Completas de Tsuda Sôkichi)*. Tóquio, Iwanami, 1966.
- TSUDA, Sôkichi. *Nihon Koten no Kenkyû (Estudos do Japão da Antigüidade)*. Tóquio, Iwanami, 1950.
- TSUGITA, Jun. *Kojiki Shinkô (Nova Análise do Kojiki)*. Tóquio, Meiji Shoin, 1972.
- UMEZAWA, Isezô. *Kojiki to Nihonshoki no Seiritsu (O Processo de Formação do Kojiki e do Nihonshoki)*. Tóquio, Yoshikawa Kôbunkan, 1988.
- YANAGITA, Kunio. *Minzokugaku Jiten (Dicionário de Etnologia)*. Tóquio, Tôkyôdô, 1970.